

**Director, editor e proprietário**  
**Antonino Dias Pinto de Castro**  
 Redacção e Administração:  
 Rua da Rainha, 56-A  
 Telef. 4515

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
 Telef. 4381  
 VISADO PELA CENSURA  
 — AVENÇA —

## Vêde-o ao Cartaz Gualteriano

Simple e expressivo. Olhá-lo, é compreendê-lo.

Hoje, os cartazes, são abstrações dos seus autores. Constituem uma espécie de charrada, a cores. Para se lhes colher o sentido, somos obrigados a parar, a meditar. Quando não a perguntar.

Assim havia de suceder ao cartaz anunciador dos centenários celebrados em 1940. Sendo o mais esdrúxulo, o mais estravagante dos cartazes que foi presente a um concurso internacional, ele, por isso mesmo, obteve o 1.º prémio.

Por novíssimas tendências da arte, não se concebe que um cartaz anunciador seja claro de sentido. Tão singelo e simples, que, logo de um golpe de vista, se atinja o seu sentido.

E' que, hoje em dia, como dolorosamente se observa, é tamanha a tortura dos novos artistas à procura do inédito, que tantos destes, regra geral, irrompem de asas abertas nos domínios da fantasia, caindo nas realizações do disparate.

Compreendo que um cartaz seja uma síntese. Não concebo que ele seja uma antítese.

Se o cartaz, como julgo, é feito para o povo, não devem esquecer-se os seus autores de que a capacidade estética do povo ainda não deixou de preferir ao complicado tudo quanto é simples e é claro.

Eis porque o cartaz das *Gualterianas* de 1957 é um cartaz compreensível. Vê-lo é traduzir o que ele representa — o anunciador da *Festa da Cidade*.

Dois únicos motivos nele se destacam: a silhueta do Castelo e a Bandeira de Guimarães. Mesmo sem palavras, a imagem traduz o sentido.

Que mais é preciso para um cartaz de festa?

Digam, embora, os esforçados expoentes do «cubismo», do «futurismo», do «modernismo», que o cartaz afixado não passou pelas congeminâncias exotéricas do pensamento.

Não o admitirão, pois, como obra de arte, a sua arte engenhosa, piramidal. Ficará, portanto, o seu autor fora da assembleia geral destes artistas. O seu cartaz será, talvez, considerado banalidade, coisa fútil, obra de amator. Seja.

## Exaltação da Raça

*Lusíadas - Camões, dois nomes que a memória Do Povo Português bem fundo tem gravados! Trofeus de eterno amor, com alma arrebatados A's belezas do Olimpo, aos louros da Vitória!*

*Calem-se as mais brilhantes páginas da História, Da Grécia e de Roma os feitos arrojados!... Que o Imortal Camões, em versos sublimados, Canta do Povo Luso a intrepidez e glória!*

*Epopeia imortal, égide gloriosa, Majestoso padrão de fé religiosa, Que a Lusitana Gente às Índias levou,*

*O Poema de Camões dirá ao mundo inteiro Quem foi o patriota, o imortal guerreiro Que em Lira altissonante a Pátria celebrou!*

Gualterianas de 1957.

MENDES SIMÕES.

## Carta A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Embora a temperatura escaldante chegue a perturbar a vontade de escrever, pelo menos na ocasião em que escrevo esta carta, faço o sacrifício de vencer as consequências da subida pouco vulgar do termómetro, mas desta vez para dirigir uma breve saudação aos milhares de forasteiros que, com certeza, virão às Festas da Cidade.

Nacionais e estrangeiros aqui estarão presentes para conviverem com os Vimaraneses no decorrer dos dias festivos em que toda a cidade se apresenta condignamente engalanada para os receber, dispensando-lhes o seu habitual acolhimento para que, mais uma vez, a tradicional hospitalidade dos vimaraneses se manifeste de forma insofismável.

Porque sempre assim tem acontecido e porque é esse o timbre inalterável da população desta terra, eu sei que não contrário o sentimento e o pensamento da grei Vimaranesa, saudando em nome de todos os ilustres visitantes que nos derem a honra de, com a sua presença, tornarem mais brilhantes e mais imponentes as referidas Festas.

Por isso, que sejam bem-vindos e que, pelo menos aqueles que pisam

Continua na 2.ª página.

## As Festas da Cidade

### INICIADAS NA 6.ª-FEIRA prosseguem com entusiasmo

*Estão a decorrer as Festas da Cidade que, fundadas por um punhado de devotos Vimaraneses, no já distante ano de 1906, chegaram agora ao seu 51.º ano de realização.*

*No decurso de mais de meio século prestaram à Cidade inestimáveis serviços, levando a efeito as suas festas e elevando-as ao ponto culminante a que chegaram, muitas figuras prestigiosas, algumas delas já desaparecidas da vida, mas cuja memória todos recordamos e saudosamente evocamos — cada ano que surge na efectivação das «Gualterianas».*

*Quanta soma de sacrifícios, de canseiras sem par; quantas contrariedades, esforços, desgostos até, isso representa!*

*Mas a cidade tem vivido, por vezes e não raras vezes, espectáculos emocionantes e de rara beleza. A Marcha Gualteriana, sempre que se realiza e porque só aqui se realiza, com ineditismo, com entusiasmo, com brilho, com propriedade autêntica; as Exposições Industriais; as célebres e distintas Batalhas de Flores; as Procissões de S. Gualter, que tiveram início em 1947 e desfilarão durante mais alguns anos sumptuosamente pelas ruas da cidade; os Cortejos Regionais e do Linho, que também foram espectáculos deslumbrantes e de puro regionalismo; as visitas de famosas Bandas Regimentais e estrangeiras; as Toiradas e esse extraordinário facto da reconstrução da Praça de Toiros em escassos 5 dias; tudo isto que é ainda do nosso tempo, fez com que as Gualterianas, que agora estão a realizar-se mais uma vez, atingissem o seu apogeu.*

*Pessoas tem havido, desde a primeira hora até ao presente, que não sendo embora vimaraneses pelo nascimento, quiseram Terra, trabalhando pelo esplendor das Gualterianas. Citaremos os nomes de João de Melo e de João Rodrigues Loureiro, por exemplo, ao recordar os mortos, e os do Comendador Alberto Pimenta Machado e do actual Presidente da Comissão Executiva, Dr. Jorge da Costa Antunes, para salientar o facto de veras digno de nota, de terem os vimaraneses encontrado da parte de muitos que o não são, a sua prestimosa ajuda, a sua louvável dedicação, numa conjugação de esforços altamente apreciável.*

*As Comissões que anualmente tomam à sua conta a realização das festas sempre encontraram da parte da população e das Autoridades a colaboração pronta e entusiástica, e isso em muito tem contribuído para que se mantenha inalterável esta tradição de mais de meio século. Assim se constata que todos têm cumprido o seu dever, amando Guimarães e contribuindo para o seu progresso.*

*Todos merecem, por isso mesmo, a nossa simpatia e o nosso muito louvor.*

### Os dois primeiros dias das Festas

As festas iniciaram-se ontem, pouco passava do meio dia, com a recepção feita, no Grémio

do Comércio, aos representantes da Imprensa e da Rádio, sendo-lhes dirigidas palavras de saudação e de simpatia pelo presidente da Comissão das Festas, sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, que depois lhes ofereceu um almoço. Continua na 5.ª página.

## A casa onde nasci...

(À memória querida de meus Pais).

Já não existe a casa onde nasci... Isso que importa, se pensando bem, E' o teu amor ainda, ó minha Mãe, Que ao coração me vem falar de ti!

E' ele, sim, que ainda me sorri Nesta saudade que, de longe, vem Dum mundo que morreu e vai além De tudo o que ficou e que perdi!

Que importa a casa onde nasci? Que importa, Se me esqueceu o número da porta E não volto a subir aquela escada?!

Se nesta imensa e trágica mudança Eu nem me lembro de que fui criança, Foi como um sonho que sonhei... mais nada!

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

## Festas de Guimarães

Festas de Guimarães! Mas a Maior, Que marcará no burgo a Imponente: Será, quando acordar o vil torpor, E uma ESTÁTUA erguerem a GIL VICENTE.

Festas de Guimarães! Mas o Momento Que ecoará bem alto em nossa Terra: Será quando se erguer o MONUMENTO AOS MORTOS E HERÓIS DA GRANDE GUERRA.

Festas de Guimarães! Quando Ela as faz É porque é a ALGUÉM, não é a qualquer... — Se os Santos são de Deus a Luz da Paz, Merece-as S. Gualter.

Agosto de 1957.

DELFINO DE GUIMARÃES.

## ENFIM A FRANÇA!

### Da Avenida aos Inválidos

#### Paris-Lisboa-Paris em sete horas

CORREIA DA COSTA.

### A PARTIDA:

Imagine-se uma manhã promettedora com um tempo indeciso entre sol e nuvens encobertas, com alternativas de esperança e de luz clara esbatendo-se nos longos do casario cinzento. Da Portela de Sacavém o avião Super-Constellation, obra-prima de conforto, dá uma volta à cidade, que se cobre de uma espécie de nevoeiro tênue, interceptado por nuvens opacas. Rasgões do espaço deixam ver as colinas apenduradas, o castelo moirisco, o espelho desbotado do rio desliante. As nuvens acastelam-se, avolumam-se, formam um ininterrupto algodão em rama. Perde-se assim a alternativa da esperança e a viagem decorre sobre pensamentos e ideias, que se sucedem no interior da carlinga do avião europeu. Dentro de vinte a trinta mal contados e rápidos minutos ultrapassamos a Serra da Estrela, já nossa velha conhecida de viagens anteriores. Que arrelia, não poderemos namorar da janela oval, as lagoas espelhantes e extáticas e a curvada dentada dos montes hermínicos, erçados e grandiosos onde o horizonte se dilui e perde, esfumado nos longes e nas limitadas lonjuras horizontais. Sente-se depois da Serra da Estrela que estamos em Portugal pelos telhados das casas, que tanto divergem dos da Espanha.

sem igual no mundo que é ver uma cordilheira ou uma montanha de alto, a cidade de Bilbau, de belo arranjo urbano, com uma praia próxima e um porto de abrigo esplêndido. Corta-se o golfo, o mar Cantábrico. O avião desenha a sua própria imagem sobre a renda verde e esmeraldina das ondas. Medita-se, pensa-se, sobre a travessia do mar intermimo.

Mais um pouco, Arcachon. Essa praia de renome turístico desenha-se com uma nudez virginal. Pinhais circundam o seu ambiente, dão-lhe um abrigo natural. O grande lábio cinzento da praia beija as ondas calmas, sossegantes, deslizando como se mãos de ninfas se afagassem longamente. E' um momento dionisíaco e único, uma refulgência helênica cruzando o nosso espírito. Pinhais cerrados, pinhais interrompidos, vilas ridentes, landes extensas, dão-nos as boas-tardes na «Douce France». Agora sucedem-se renques constantes de pinhais verde-escuro, com aspectos geométricos e precisos que lembram por vezes duendes adições, num conjunto inimaginável e raríssimo. A natureza

## GAZETILHA

### Da «Milanesa» à «Gualteriana»

*Trago em mim toda a beleza da «Marcha Milanesa» dos tempos da minha infância: e à qual as pés cobijas, de amor... com barbas postiças, não bifaram a elegância...*

*E já então a «Marcha» era um sonho de Primavera, reflorescendo em fantasia: que buscaram imitar, mas não, porém, igualar no seu frescor e magia...*

*Era um «Cortejo de flores», onde as lágrimas e os amores se iam casar, em pirraça: e o malmequer, e as papoilas sorriam para as moçoilas, chetos de encanto e de graça...*

*As alegres mariposas tentavam beijar as rosas, vaidosas como rainhas... — E só o brilho dos olhos teus era esquecido dos meus, nas pobres saudades minhas!...*

*Foram os anos correndo, o cabelo embranquecendo, que o tempo não nos engana... — E pra achar certa inveja, que ainda agora viceja, surgiu a «Gualteriana»!...*

*Se alguém se achar melindrado com o paleio rimado, que se ajouje em paciência... Pois muitos, nos seus discursos, ficam armados em ursos, por mera coincidência...*

Ortigão.









